

Variação, reescrita, retradução – estudo comparativo das versões portuguesas e brasileiras de *Atala* de Chateaubriand¹ (II)

Thierry Proença dos Santos

Universidade da Madeira

No seu livro *Uma História da Leitura*, escreveu Alberto Manguel (1998: 277):

A tradução propõe uma espécie de universo paralelo, um outro espaço e um outro tempo nos quais o texto revela outros significados extraordinários, possíveis. No entanto, não há palavras para esses significados, visto que existem numa terra de ninguém intuitiva entre a língua do original e a do tradutor.

Foi exactamente isso que procurámos verificar em estudo anterior², com base no cotejo entre as duas primeiras traduções portuguesas de *Atala* de Chateaubriand, a primeira de 1810, publicada em Lisboa, e a segunda datada de 1819, feita na Baía. Nesse estudo pudemos constatar a propensão do tradutor português para a aclimação ideológica, bem como o respeito pela cultura escrita, em sintonia com as coordenadas estéticas e redaccionais da sua época. Por seu lado, a tradução anónima da Baía apresentava marcas linguísticas de uma cultura oralizada, revelando assim algumas particularidades já distintas do Português europeu de então, com implicações a nível lexical, morfológico e estilístico, que interpretámos como sinais do tempo a preludiar a afirmação duma diferença linguística e cultural. Pudemos, pois, confirmar a asserção de Manguel, verificando que, num dado âmbito intralinguístico, se podiam destringir coordenadas interculturais na expressão que é própria do tradutor.

Ao alargar a exploração do *corpus* em causa a traduções mais recentes³, apurámos que a versão do brasileiro K. d'Avellar, lançada em 1906, é fortemente sub-

¹ Esta comunicação foi apoiada pelo CITMA através de financiamento do Fundo Social Europeu

² Cf. Bibliografia citada.

³ Sobre o trabalho de Teófilo, sabemos que traduziu obras de Chateaubriand na fase da sua formação (tinha então vinte e quatro anos), num momento financeiramente difícil da vida. Na sua introdução à obra traduzida, não se coíbe de criticar o Autor, denunciando o lado “desmedido e fóra da verosimilhança” da narrativa, o esbatido “de uma aguarella bucolica” na descrição e o “tom arcádico” do seu discurso (1867: V-VI). Estes condicionalismos terão, evidentemente, algumas implicações na tradução apresentada, sem contudo desvirtuar a essência da obra. Quanto a K. d'Avellar, uma indagação sumária indica que trabalhou como tradutor profissional, a mando ou a pedido de editoras, especializando-se na literatura europeia de género histórico ou de costumes.

sidiária da tradução de Teófilo Braga, publicada pela primeira vez em 1867. Merece, pois, este filão que o consideremos por assentar no pressuposto de que a tradução definitiva não existe, havendo apenas uma tradução “parada”, como afirma Claire Cayron (1987: 110).

Esta constatação leva-nos, assim, a reflectir sobre o modo como um texto original tem vindo a gerar uma sucessão de reescritas, ou seja, permitir uma abordagem do ponto de vista da tradição e da actividade da tradução, entendida como tentativa de uma linguística da produtividade de textos e das suas transformações, por rearranjo, refundição e *transcrição*. Por isso, esta abordagem atribui às versões em confronto um particular interesse, dado o trabalho translativo de K. d’Avellar não se basear numa só matriz, mas em duas, o original e a versão de 1867. Com efeito, e contrariamente ao habitual, os materiais exploráveis são não somente a matriz e a respectiva tradução terminada, como também a nova versão dela derivada, tornando-se, desta feita, a tradução anterior o testemunho textual intermédio, ou seja, temos assim “um processo que foi sedimentando determinados sentidos” (Flor, 1995: 177) numa primeira tradução “parada”, que é de novo objecto de reescrita por outra mão, agora projectada para um novo público de acordo com os seus respectivos interesses e valores culturais.

Vamos, portanto, analisar as transformações textuais, por forma a confirmar se a versão de K. d’Avellar é uma *retradução*, isto é, uma tradução crítica das versões anteriores que responde à necessidade de actualizar de novo uma “grande obra”, cujas traduções disponíveis são tidas por caducas ou inadequadas (Berman, 1995: 40), ou, simplesmente, se se trata de uma *tradução revista*.

Para tal, procedemos ao cotejo dos textos⁴, o que permitiu realçar as seguintes estratégias de reescrita adoptadas pelo tradutor brasileiro: em primeiro lugar, o jogo da revisão, que equaciona a correcção de erros tipográficos, de leitura e de tradução na versão portuguesa; em segundo lugar, o jogo da reformulação, que deriva tanto de uma *autonomização* relativamente à versão-matriz e de uma tentativa de aproximação ao público-leitor visado, como da *interpretação* que faz do texto, daí decorrendo uma antecipação que acaba por contaminar os efeitos do mesmo.

1. O jogo da revisão

Antes de mais, importa salientar que, das duas versões modernas de que dispunha, a tradução livre do poeta nortenho Guilherme Braga (1872) e a de Teófilo, o tradutor brasileiro optou pela última, seguiu-a de perto, operando, desta feita, quer uma leitura ligeiramente crítica, quer uma reescrita correctiva. O certo é que, ao rejeitar o modo parafrástico seguido pelo primeiro, essa escolha indicia uma clara inclinação pelo método da correspondência formal.

⁴ Por razões de ordem prática, limitámo-nos a colacionar e a registar todos os lugares variantes do capítulo “Les chasseurs / Os caçadores”, incluso na parte intitulada “récit / narrativa”. Ocasionalmente, recorreremos a extractos de outras zonas da obra.

1.1. No plano da tipografia, a reescrita de K. d'Avellar é uma ocasião para restituir à nova versão a configuração do original, relativamente às notas de rodapé que Teófilo entendeu cancelar, anulando as consideradas inúteis, ou integrando a informação nelas contida no corpo do texto por meio de parêntesis ou por via da *explicitação*. Além disso, moderniza as grafias, acompanhando a evolução fonética, segundo as convenções ortográficas então vigentes, no que respeita à distribuição de maiúsculas (em sintonia com o original), à acentuação, à ligação e separação das palavras. Relativamente à transferência de certa antropônimo, K. d'Avellar segue a tradição dos nomes de personagens europeus naturalizados (René → Renato), mas teve o cuidado de não reproduzir a grafia fantasiosa, pelo seu ar helenizado, do nome "Athaënsic" (1867: 35), com o "h" a seguir ao "t", mantendo a grafia do original "Atahensic" (1906: 20), com o "h" a assinalar o hiato entre as duas vogais, quando, na realidade, Chateaubriand se refere a uma divindade ameríndia.

Curiosamente, o uso do "a" protético, partícula usada na língua antiga e tida hoje em dia por arcaizante e popular, em palavras como "assentar", "alevantar" (*passim*), bem como do "i eufónico" (ou epentético), escrita frequente em autores passados, em casos como "receiavamos" (1867: 51), ambos patentes na tradução portuguesa, foram mantidos por K. d'Avellar, como podemos documentar com as formas "arruidos" (1906: 33) e "receiando" (1906: 33). Outras grafias datadas mantêm-se, aliás, inalteradas, tais como "escondrijos", com a supressão do "e" entre o "d" e o "r", reflexo da linguagem oral na escrita (1867: 51 / 1906: 33). Ao que parece, a manutenção destas grafias empresta ao texto uma certa "pátina" e vernaculidade que coloca, por via da sugestão, o leitor nos tempos idos em que o discurso do narrador decorre.

Cabe ainda ressaltar que, em inúmeros trechos, as traduções preservam integralmente a pontuação do original, se bem que Teófilo tenda a reduzir os pontos de exclamação, de molde a não apelar à emoção do leitor, enquanto K. d'Avellar se esforça por reduzir a amplitude de variação rítmica e expressiva. Mesmo assim, substitui, por vezes, a vírgula pela conjunção copulativa "e" para ligar frases curtas, o que abranda o ritmo de leitura.

1.2. Destaquemos agora alguns traços da redacção desatenta de Teófilo, especificando com mais vagar o que o tradutor brasileiro emendou com acerto.

Na tradução portuguesa, é manifesto que as deficiências registadas são consequência da precipitação, do descuido e, provavelmente, do tempo que ela demorou a executar, pelos motivos circunstanciais já evocados. Não admira, então, que a versão subsequente aproveite a oportunidade para melhorar e clarificar o sentido do translato anterior, como podemos depreender pela emenda da interjeição "oh meu pae!" (1867: 13), com "h" final, manifestando surpresa, em "ó meu pae!" (1906: 3), com acento agudo, na transferência da expressão sentida "ô mon père". Circunstancialmente, Teófilo faz uso de um termo inverosímil, quando verte "Elle fit une première compresse, qu'elle attachait avec une *boucle* de ses cheveux" (55) em "fez

uma compressa, que atou com uma *trança* de seus cabellos (1867: 41)". O ridículo da situação é aqui imperdoável. A revisão do tradutor brasileiro não deixa passar tal dislate, repondo a (quase) verdade do texto com "uma *madeixa* de seus cabellos" (1906: 25).

Devido à sua inexperiência na revisão, Teófilo (ou o editor) dá azo a uma certa incongruência no raciocínio, materializada em incoerência textual, quando escreve "Isto allivia-te tanto, quando um amigo vê em *nossa* alma" (1867: 53). Bastou ao tradutor subsequente suprimir o morfema *a* mais, que provocava um "curto-circuito" no sentido da frase. Outro deslize se deve à leitura rápida que Teófilo faz da matriz, dando origem a um acidente de decifração, ocorrido por confundir palavras parónimas "embrassés" / "embrasés" na locução "pins embrasés", (63)". Foi fácil a K. d'Avellar emendar, substituindo "pinheiros *enlaçados* (1867: 56)" por "pinheiros inflamados" (1906: 36).

Curiosa é a deturpação do original, quando a tradução não oferecia dificuldade: "si j'avais vu une *biche* blanche dans mes songes" (41) passa a ser "se eu tinha visto uma *fera* branca nos meus sonhos" (1867: 15), quando se esperava "uma *corça* branca" (1906: 5); "Un chasseur indien, (...) immobile sur la *pointe* d'un rocher" (58) muda para uma "*crypta* do rochedo" (1867: 47), quando era suposto estar "no *pico* dum rochedo" (1906: 29); ou, ainda, "On arrive à la tombe; on y descend les reliques; on les y étend *par couche*;" (52) é interpretado do seguinte modo: "Chegam ao tumulo; baixam as reliquias; alastram-n'as *por jazigos*;" (1867: 35-36), em vez de "por camadas". A associação destes exemplos revela que Teófilo projectou no texto não o que leu, mas o que gostaria de ler, de acordo com a sua própria inclinação estético-literária. Assim se explicam os *contra-sensos* lexicais, por ele cometidos sob influência do enquadramento temático e situacional, cujos *topoi* remetem para uma estética do fantástico. Restou a K. d'Avellar desfazer esses desvios, restabelecendo o sentido original.

Outro modo de intervenção realizado por este último consiste em obviar a restituição dos elementos omissos de que a versão anterior padece. Essas *omissões* podem comprometer quer a feição estilística do original quer a densidade de pormenores informativos, que Teófilo terá julgado acessórios, como fica exemplificado no seguinte contraste entre "je sais seulement qu'il vivait *avec sa sœur* à Saint-Augustin" (62) e "sei apenas que elle vivia \emptyset em Santo Agostinho" (1867: 54), sendo que a informação "com a irmã", apesar de pouco relevante para a economia significativa do romance e já disponibilizada anteriormente (1867: 12), constitui um dado revelador na interpretação da natureza do relacionamento das personagens que funcionam em pares.

Além de algumas figuras de repetição, características da oratória, tão ao gosto de Chateaubriand, o laconismo de Teófilo chega a ponto de prescindir de termos vários, adjectivos, advérbios e expressões temporais, indicando uma certa tendência para um estilo conciso e nervoso, que rejeita tanto a menção redundante como a oratória. K. d'Avellar repõe o paralelismo formal, colocando a questão fulcral do

sentido e do estilo, até obter a versão com o menor grau de distorção possível, tanto a nível formal como a nível semântico.

1.3. No plano morfossintáctico, o tradutor português toma certas liberdades para com o modelo e dá-nos alguns exemplos acabados de como recorrer às potencialidades da variação estilística. A dado passo, comuta o complemento determinativo com carácter metonímico por um dativo ético, o que atribui à frase um boleo mais vivo, sem perder a informação do texto de partida, mas deslocando deste modo o enfoque do objecto para quem dele tira proveito, traduzindo “Et nous abandonnions au vent le soin de tourner la proie *du chasseur*” (56) por “e deixavamos ao vento o cuidado de *nos* ir virando a preza” (1867: 43). É certo que a expressão usada, ao conferir-lhe uma conotação do tempo dos primórdios, torna singela a referida imagem; porém, não foi assim que o Autor se exprimiu. K. d’Avellar não aceita tal *transposição* e recompõe a frase, substituindo o pronome intruso pelo complemento determinativo “a preza *do caçador*” (1906: 27).

Tal como os escritores clássicos, Teófilo usa o infinitivo nominal que, ao conservar o seu dinamismo verbal, confere à frase energia e movimento, pelo pitoresco e condensado da expressão, como podemos ver na frase “o adivinho (...) proibiu *o perturbarem* o genio das sombras (1867: 37). K. d’Avellar prefere a moderna fórmula verbal: “o advinho (...) proíbe *que perturbem* os Genios das sombras” (1906: 22) para “le jongleur (...) défendit de troubler les Génies des ombres” (53).

Por razões estilísticas de revigoração semântica ou de harmonização fónica, Teófilo opera pequenas modificações morfológicas. Por vezes, substitui um singular por um plural (ou vice-versa), ao verter: “À mesure que le bruit des hommes s’affaiblit, celui *du désert* augmente, et au tumulte des voix succèdent les plaintes *du vent* dans la forêt” (53), em “ao passo que vae esmorecendo o ruído dos homens, o *dos desertos* aumenta, e ao tumulto das vozes sucedem os lamentos *dos ventos* na floresta.” (1867: 38). A aliteração das sibilantes e chiantes produz um efeito bastante sugestivo que o original não tem e ao qual a versão de K. d’Avellar corta o bastão. Noutros lugares, o tradutor português faz deslizar o artigo definido para indefinido, de maneira a dar a certas representações uma impressão de vago e de mistério, como vemos no trecho “[Atala] ia alçar *um vôo* para os céos; ” (1867: 29) em que se descreve uma visão onírica e um acto simbólico. No original, lê-se “prendre *son vol* vers les cieux” (48).

Não raro Teófilo prefere, em conformidade com as regras do bem escrever herdadas do classicismo, reduzir a repetição dos mesmos vocábulos num dado parágrafo (1867: 48). K. d’Avellar não é adepto deste tipo de “domesticação estilística” (Duarte, 1998: 40) e reabilita o tecido lexical da matriz francesa (1906: 30).

Além disso, o tradutor português torna certos diálogos entre os dois protagonistas mais dramáticos, ao modular o esquema de tratamento concebido pelo Autor, multiplicando-lhe a passagem do “vós” para o “tu”, como podemos verificar na transferência de: “Quoi, (...), *votre* père n’était point du pays des palmiers ! Quel est

donc celui qui *vous* a mise sur cette terre ?” (62) para “*teu* pae não é da terra das palmeiras? Quem foi o que *vos* trouxe a esta terra?” (1867: 53). Naturalmente, o tradutor brasileiro coloca de novo o pronome correspondente – “*vosso* pae” (1906: 34).

Finalmente, no caso das divergências de escolha dos tempos verbais, apenas adiantaremos que não são frequentes e que se devem, em parte, às opções estilísticas de ambos os tradutores ou à obrigatoriedade da concordância aspectual de acções de mesmo teor.

Resumindo: se é certo que Teófilo manuseia com à-vontade as estruturas linguísticas do Português, não é menos verdade que as liberdades por ele tomadas adulteram sobremaneira as vertentes estilística, informativa e pragmática do original. K. d’Avellar procura nivelar tudo o que sai do alinhamento, num modo mecânico, reajustando o que o seu predecessor alterou ou desvirtuou.

2. O jogo da reformulação

Ficou claro que K. d’Avellar procura restituir ao texto traduzido os contornos linguísticos e informativos patentes no original. Com efeito, a nossa crítica mostrará que o tradutor em causa adopta uma postura que tanto rejeita, à partida, o *enobrecimento* como o *empobrecimento* estilístico do texto traduzido. Mas, à chegada, a sua versão revelará que há uma certa distância entre a intenção e o resultado.

O confronto dos textos em análise revelou três técnicas de reformulação na versão brasileira: i) a manutenção ou mesmo o reforço de um certo literalismo, ii) a aproximação da matriz quando a versão portuguesa se mostra por demais autónoma, e iii) o distanciamento da mesma quando a referida versão recorre ao paralelismo formal.

2.1. Ambas as versões documentam um certo hibridismo textual. A passos, Teófilo não hesita em forçar a sintaxe de chegada para manter um giro próximo do original, o que K. d’Avellar parece aprovar, ao reproduzir um galicismo sintáctico, que o caso da transferência da perífrase verbal “*j’allais jusqu’à former des désirs*” (77) ilustra. Ambos não evitam a contaminação linguística “*ia quasi a acordar desejos* (1867: 84) / *formar desejos* (1906: 58)”, que, por um lado, suscita no leitor uma sensação de estranheza, incomodando a sua leitura, e que, por outro, confere ao texto de destino um efeito linguístico inexistente no de partida, desvirtuando-o do seu real valor, a saber: “(eu) chegava mesmo a ter desejos”. Por vezes, porém, resolve naturalizar a expressão nos passos em que Teófilo faz o mesmo tipo de jogo, por forma a afastar-se da sua lição: a “*Sobre as bordas da ribeira*” (1867: 37), versão de “*Sur les bords de la rivière*” (52), prefere “*Nas margens do rio*” (1906: 20).

No entanto, o que predomina na versão de K. d'Avellar é o abandono de certas lições por força daquilo que parece ser uma consulta directa do original; as novas variantes nascem então do mecanismo de adesão ao paralelismo formal.

A reescrita translativa do brasileiro opta, sempre que possível, pela palavra ou expressão cognata à do original francês, exemplificado pelo contraste “Dans cette persuasion,” (41) / “N'esta fé,” (1867: 16) / “Nesta persuasão,” (1906: 6). Mas esse procedimento comporta riscos. Ora vejamos:

J'étais plus heureux que la nouvelle épouse qui sent pour la première fois son *fruit* tressaillir *dans son sein* (61) / eu estava mais feliz do que a joven esposa quando sente pela primeira vez o seu *fructo* estremecer-lhe *no ventre* (1867: 53).

Para o leitor lusófono, uma vez identificada a intertextualidade proposta por Teófilo com a “Avé-Maria”, essa tradução permite situar a expressão no plano de um registo de cumplicidade cultural e sublinhar a vertente religiosa da obra. A alusão tem cabimento, até porque, mais adiante, o Autor confirma o “palimpsesto verbo-cultural”⁵: “Le fruit de vos entrailles sera mon fruit” (62). É certo que, ao adaptar deste modo o torneio da frase, o tradutor português antecipa a interpretação do motivo evocado, o que não corresponde à letra do original; no entanto, essa *naturalização* tem a vantagem de proporcionar ao leitor de cá um maior conforto. O que não acontece com a opção tomada por K. d'Avellar, que defende a estranheza da expressão: “quando pela primeira vez sente estremecer o *fructo das suas entranhas*.” (1906: 34). A nosso ver, esta solução não resulta: nem ganha o texto, cujo referencial se perde na terra de ninguém a que chamamos “interlíngua”, nem ganha o leitor da língua-alvo, colocado desta feita numa situação de perplexidade.

2.2. À luz do que ficou dito atrás, verificamos que a reescrita de K. d'Avellar opera local e pontualmente, ou trabalhando num eixo paradigmático, ou comutando unidades susceptíveis de aparecerem num mesmo contexto. É o resultado da avaliação que o tradutor brasileiro faz às locuções, em termos de carga conotativa, que decide da sua remoção – ou não. Onde Chateaubriand emprega palavras usuais, com valor evocativo nulo ou restrito, encontramos, em Teófilo, vocábulos ou sintagmas nitidamente raros, ora para dar um carácter elegante e erudito ao texto, ora para lhe conferir um certo grau de poetização. Nesses casos, o tradutor brasileiro faz uma avaliação crítica e procura repor o termo mais adequado e conforme ao espírito do original, expurgando assim os termos alatinados e/ou excessivamente rebuscados da tradução anterior. Comparemos:

en passant sur des montagnes de glace (47-48) / *roçando-se pelos alcantís* de gelo. (1867: 28)/*ao passar pelas montanhas* de gelo. (1906: 15); *le bûcher* (52) / a

⁵ Eis, em Francês, a parte da prece que interessa: « Je vous salue, Marie, pleine de grâce que le ciel est avec vous... Vous êtes bénie entre toutes les femmes, et le fruit de vos entrailles est béni... »

pyra (1867: 36) / *A fogueira* (1906: 21); *une yeuse isolée* (56)/um roble *insulado* (1867: 43) / um roble *isolado* (1906: 26)

Seguindo a esteira de um Camilo – também ele tradutor de obras de Chateaubriand –, a escrita de Teófilo é conservadora e, não raro, faz uso de vocábulos que, pela forma ou pelo sentido, têm um sabor ligeiramente antiquado e vernáculo. A análise da sua tradução permite detectar divergências quanto ao original, nomeadamente, e como resultado da época em que foi efectuada, a utilização de expressões hoje apelidadas de arcaizantes, tais como “Alfim” (1867: 19, 46) e a forma verbal “vás” em “vás ser queimado” (1867: 17, 20). O tradutor brasileiro procede à *actualização* e *correção* gramaticais, designadamente da colocação dos clíticos, do emprego de certos participios passados duplos e do correcto uso dos demonstrativos. Relativamente a este último aspecto, o gramático José Inácio Roquete já denunciava, na sua *Arte de Traduzir* (1858: 78), o descuido de que Teófilo também deu mostras: “É muito commum erro dos traductores modernos verter sempre o *ce* francez no *este* portuguez”, quando o sistema português dos deicticos – visto haver distância entre aquele que fala e aquilo de que se fala – exige o adjectivo “aquele”. Ao proceder a estas correções, K. d’Avellar inscreve-se na gramática tradicional e no purismo lusitano, de acordo com grandes escritores brasileiros do seu tempo.

Outra figura de intervenção no texto de Teófilo é a *banalização*, no sentido de aproximar o tradutor do leitor, a fim de lhe facilitar a leitura, através de uma expressão mais acessível e corrente. Voluntária ou involuntariamente, a *banalização* em causa pode deixar transparecer vestígios da idiosincrasia verbal do tradutor brasileiro e, na sua redacção, usos culturalmente marcados. De notar, por exemplo, a diferenciação na grafia/fonia de certas palavras que, tanto quanto nos é dado perceber pelos verbetes de Aurélio, derivam da tradição literária brasileira, como é o caso de “advinho” (1906: 20, 22, 25,) em vez de “adivinho” (1867: 31, 35, 37, 41) e “longiquo” (1906: 10, 33) em vez de “longinqua” (1867: 25).

Em todo o caso, existem diferenças morfossintáticas no Português empregue pelos dois tradutores. K. d’Avellar distingue-se pelos seguintes aspectos: a) coloca tendencialmente os pronomes átonos segundo o uso brasileiro; b) emprega a forma “até o” (1906: 10, 22), oscilando, mesmo assim, com a forma “até ao” em uso no Português europeu (1867: 37, 43) / (1906: 26); c) e troca, pontualmente, construções realizadas por Teófilo pela perífrase verbal “estar + gerúndio” característica do uso brasileiro.

Desta feita, a versão de K. d’Avellar ilustra, através de brasileirismos ocasionais, o princípio de que a invisibilidade do tradutor no enunciado nunca é total, bem como o de que a necessidade de aproximar o público-alvo determina a escrita translativa.

Ainda assim, registámos, ao estudar os processos de correção estilística levado a cabo por K. d’Avellar, um procedimento que vem, de algum modo, contra a corrente de tudo o que acabámos de ver: é notável, de facto, a tendência para recusar, circunstancialmente, a expressão mais natural da língua portuguesa como para

elevar artificialmente algum vocabulário, substituindo, por exemplo, “mas” (1867: 45, 55) por “porém” (1906: 28, 36) ou “ser preciso” (1867: 46, 59) por “ser mister” (1906: 29, 39). Acresce que utiliza bastante, comparativamente a Teófilo, a forma composta do mais-que-perfeito com o auxiliar *haver*. A esse respeito, parece-nos que o tradutor brasileiro procura recorrer à locução menos usual para emprestar ao texto um certo “verniz da época” com a vantagem de, ainda por cima, corresponder perfeitamente à estrutura verbal da língua de origem (*avoir* + particípio passado). Por entre os vários meios de expressão de que dispõe, K. d’Avellar parece, assim, escolher aquele que tem o selo da escrita literária, fazendo-o como quem pretende que a sua linguagem evoque um passado cristalizado, graças a materiais linguísticos de longa duração e tradição escrita. Mas o primeiro intuito é o de, mais uma vez, marcar a diferença relativamente à tradução precedente.

Em suma, Teófilo introduziu aspectos estilísticos particulares, facilmente reconhecíveis, que K. d’Avellar se esforça por apagar, de modo a reduzir a *autonomização* do texto de Teófilo, ou seja, torna o texto mais enxuto e enfraquece o seu efeito de “Português vernáculo”. Além disso, redirecciona o texto para um público de leitores brasileiros, mas com sobriedade, procurando, mesmo assim, usar expressões da linguagem escrita, mais aptas a resistir à erosão do tempo.

2.3. Às operações mecânicas que, como vimos até agora, regeneram a feitura da versão do tradutor brasileiro, no sentido de corrigir os desvios do original, devemos acrescentar mais alguns procedimentos, que visam o distanciamento tanto da versão brasileira do original como da versão-matriz, baseando-se essencialmente no modo da substituição e da *permutação*.

Quando o tradutor brasileiro dispõe, na língua portuguesa, de palavras ou locuções de grafia dupla, não marcadas, a tendência é para optar por aquela que não a escolhida por Teófilo, sendo que “góle de vinho” (1867: 57) passa para “gólo de vinho” (1906: 37). Exemplo disso é, igualmente, o caso das regências usuais de determinados verbos que aceitam preposições diferentes, mas de idêntico valor: “comparada com” (1867: 50) e “uniu-se com” (1867: 55) são preteridos na versão de 1906 por “comparada a” (1906: 32) e “uniu-se a” (1906: 36).

Se bem que a modalidade de tradução preferida por K. d’Avellar é o literalismo, a sua versão revela, contudo, duas atitudes distintas: por um lado, uma colagem à matriz e, por outro, o “trocar as voltas” ao texto traduzido no qual se apoiou directamente, por meio da permutação, manobra que muda o lugar de sinónimos ou a ordem dos elementos linguísticos, permitindo novas disposições da cadeia frásica. Esse procedimento pode ter repercussões positivas no plano estilístico, ao realçar, por exemplo, o advérbio restritivo “apenas” em “As fogueiras *apenas* lançam um clarão avermelhado” (1906: 22) em vez de “as fogueiras *lançam apenas* um clarão avermelhado” (1867: 38), ponto alto da frase original “Les feux *ne* jettent *plus que* des lueurs rougeâtres”.

Porém, a permutação das palavras pode, também, deturpar gravemente o sentido que o Autor quis imprimir ao seu discurso narrativo, nomeadamente quando enumera os diferentes grupos sociais da tribo indiana pela ordem hierárquica: “Des Sachems, des guerriers, des matrones” (51). Na versão brasileira, o elenco, apresentado por ordem de categoria, não é, contrariamente à portuguesa, respeitado: “Guerreiros, Sachems, matronas” (1906: 19).

Exemplificadas as principais técnicas de diferenciação relativamente à versão-matriz, cabe agora registar as inovações redacionais que a tradução brasileira evidencia e que nada devem aos modelos textuais.

Nalguns casos em que Teófilo opta pela tradução literal, K. d’Avellar troca a locução por distanciamento da versão anterior, recorrendo à transposição intralingual. Onde se lê: “*persuadidos de que* nós tentariamos ir para o Meschacebé (1867: 41, lê-se na versão brasileira “*na persuasão de que* tentariamos ir para o Meschacebé” (1906: 25), versão de “*persuadés que* nous aurions essayé de nous rendre au Meschacebé” (55).

Desse tipo de substituição resultam, por vezes, soluções interessantes. No passo que a seguir transcrevemos, em que Chateaubriand cria uma repetição, com valor de aliteração imitativa, “*Le bruit* de mes transports se mêla au *bruit* de l’orage” (62-63), K. d’Avellar explora os recursos fónicos e lexicais do Português e consegue transpô-la, por meio de um procedimento compensário, para “*O ruído* dos meus transportes uniu-se ao *rugir* da tormenta” (1906: 36). As relações onomatopáica e semântica resultam aqui melhor que a solução “a *bulha* dos meus transportes uniu-se com o *estridor* da borrasca” (1867: 55) apresentada por Teófilo.

Todavia, essas inovações redacionais nem sempre melhoram a tradução. Com efeito, no seu jogo de reformulação, K. d’Avellar insere, frequentemente, novos matices ou *amplificações* desnecessárias, recorrendo ao emprego de vocábulos reforçativos. Verifica-se, assim, que a tradução brasileira surge por vezes sobreinterpretada, como documenta esta substituição da conjunção copulativa “e” pela preposição “para” que exprime a finalidade, num reflexo de *racionalização*:

nous nous hâtâmes de gagner le bord du fleuve, *et* de nous retirer dans une forêt (60)
apressámo-nos a alcançar a riba da torrente *e* nos acolhermos a uma floresta (1867: 51)
apressamo-nos a alcançar a margem do rio *para* nos acolhermos a uma floresta (1906: 33)

O tradutor brasileiro ainda recorre a *acrescentamentos* que intensificam a subjectividade do discurso desenvolvido pelo narrador Chactas, ao introduzir advérbios, como “bem”, “cedo” e “tão sómente”, ou um verbo modal no conjuntivo⁶, em frases da sua versão que acentuam, deste modo, o universo romântico,

⁶ Comparemos: Le voyageur n’a pas un lieu où reposer sa tête (59) / O viajero não acha lugar aonde repousar a cabeça (1867: 49) / O viajero não encontra lugar aonde *possa* repousar a sua cabeça (1906: 30).

onde oscilam dramatismo e ternura, em busca de tons humanamente comoventes. O mesmo acontece com a expansão gratuita de sufixos diminutivos afectivos ou de adjectivos fáceis. Este procedimento revela a propensão de K. d'Avellar para adoptar, assim, um caracterizador banal, que pouco ou nada traz de novo ao enunciado, com séries vocabulares de carácter sintético-intensificador, tal qual “a *pequenina* campá” (1906: 14), “o *supremo* prazer” (1906: 21) e “*lindos* collares” (1906: 26).

Nos casos acima citados, estas expansões, como adaptações do texto ao leitor, ou como procura da verdade do texto, resultam num empobrecimento do texto traduzido, porque se perde a concisão e a economia de meios linguísticos que caracterizam a matriz.

Por último, acresce na tradução brasileira uma inflação de pronomes pessoais, com função de sujeito. É nos discursos directos e nos diálogos que melhor notamos este adensamento de referentes pessoais – processo quase sempre enfático –, sendo que a versão de Teófilo apresenta 102 enquanto o texto de K. d'Avellar contém 150.

Em suma, a redacção de K. d'Avellar reforça a tonalidade dominante do texto original, amplificando os elementos que indiciam os tiques da literatura romântica, de modo a tornar a leitura da obra mais explícita para o público, insistindo em elementos discursivos que imprimem ao texto sentimentalismo e gosto pela encenação linguística, numa tentativa de reconstituição histórica.

O quadro que acabamos de apresentar não contradiz Alberto Manguel: é certo que toda a tradução surge como uma leitura possível e uma expansão do original. Mas a problemática da equivalência do significado dos vocábulos por ele evocado é um falso problema que ignora o facto de o tradutor estar a lidar com obras e textos e não apenas com unidades linguísticas isoladas (Berman, 1995: 247), ou seja, a tradução dos textos multiplica as possibilidades de equivalência, designadamente pelo jogo da *compensação*, enquanto a tradução das línguas atinge rapidamente os seus limites (Lederer, 1994: 78).

No respeitante às alterações aqui registadas e analisadas, bem como à luz do pressuposto acima apresentado, podemos adiantar que a versão de K. d'Avellar, resultado de modificações pontuais, ainda que não isenta de deficiências várias de pormenor, não chega a ser uma *retradução*, porque não traz à sua época a proposta de uma leitura que, sem a condenar, ponha infalivelmente em causa a versão anterior.

Podemos, assim, afirmar, com um razoável grau de certeza, que, um tanto perdida na savana por vezes inextricável das “camuflagens” de K. d'Avellar, está a tradução de Teófilo, embora significativamente retocada. K. d'Avellar não foi, portanto, um dos tradutores de *Atala*, mas o remodelador da versão de Teófilo. À pergunta colocada na introdução, a de saber se estamos perante uma *retradução* ou uma *tradução revista*, o cotejo entre os textos sugere a seguinte resposta: nem uma, nem outra. Mais parece – o que poderíamos designar – uma *tradução revisitada*.

Corpus

- CHATEAUBRIAND, F.R. (1867), *Obras primas de Chateaubriand: Atala – Renato – Aventuras do Derradeiro Abencerrage*, Coimbra, Imprensa Litteraria. (trad. de Teófilo Braga)
- CHATEAUBRIAND, F.R. (1906), *Atala – Renato – Derradeiro Abencerrage*, Rio de Janeiro-Paris, H. Garnier Livreiro-Editor. (trad. de K. d'Avellar)
- REGARD, Maurice [texte établi, présenté et annoté par] (1969). *Œuvres romanesques et voyages de Chateaubriand*, tome I. (coll. "Bibliothèque de la Pléiade")

Bibliografia citada

- AURÉLIO (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Nova edição revista e ampliada, Editora Nova Fronteira.
- BERMAN, Antoine (1995). *Pour une critique des traductions: John Donne*, Paris: Gallimard.
- CAYRON, Claire (1987). *Sésame, pour la traduction – une nouvelle de Miguel Torga*. Bordeaux: Ed. le Mascaret.
- DUARTE, João Ferreira (1998). "“History” ou “story”? Efeitos de relatividade linguística na reescrita de *Don Quijote* em Inglês" in *IV Jornadas de Tradução – Tradução: o cultural e o tecnológico*. Porto: I.S.A.I..
- FLOR, João Almeida (1995). "Byron em Português: para o estudo histórico-cultural da tradução literária" in *Dédalus*, nº5, Lisboa: APLC / Edições Cosmos.
- LEDERER, Marianne (1994). *La traduction aujourd'hui – le modèle interprétatif*. Paris: Hachette.
- MANGUEL, Alberto (1998). *História da leitura*, Lisboa: Editorial Presença. (trad. de Ana Saldanha)
- ROQUETE, José Inácio (1858). *Gramática elementar da língua franceza e arte de traduzir o idioma francez em portuguez: com um vocabulário mui completo de idiotismos e provérbios*. Paris: Aillaud.
- SANTOS, Thierry Proença dos (2001). "As primeiras versões de *Atala* de Chateaubriand em Portugal e no Brasil ou a inevitável colocação cultural no tecido linguístico e discursivo" in *Actas do Colóquio Caminhos do Mar*, Funchal: Câmara Municipal do Funchal. (no prelo)